

NA COLMEIA DO INFERNO DE PEDRO BANDEIRA: UM ESTUDO
CRONOTÓPICO DA AVENTURA DE GARROTE NO CERRADO BRASILEIRO.

Leina Fabrícia Meirelles Chaves
(Universidade Federal da Paraíba)

Orientadora:
Prof^ª. Dra. Ana Cristina Marinho
(Universidade Federal da Paraíba)

Resumo

Algumas das principais obras que encantaram (e ainda encantam) os leitores jovens evidenciam a aventura como motivo principal, a exemplo de Peter Pan (J. M. Barrie) e Caçadas de Pedrinho (Monteiro Lobato). Ainda hoje, o motivo da aventura aparenta ser a principal temática nas ficções voltadas para os leitores jovens na literatura infanto-juvenil brasileira. Bakhtin (1988) analisa que no cronotopo da literatura de aventura “os motivos de transformação e de identidade do indivíduo comunicam-se a todo o mundo humano, à natureza e as coisas criadas por ele” (p. 235). Através da análise do livro, *Na colmeia do inferno* (posteriormente intitulado *Garrote, menino coragem*), de Pedro Bandeira, pretendemos mostrar a recorrência do cronotopo da aventura da narrativa, com base nas definições do teórico russo, evidenciando a forte relação entre as personagens e o tempo-espço da narrativa, como motivos de identificação do jovem com a leitura.

NA COLMEIA DO INFERNO DE PEDRO BANDEIRA: UM ESTUDO CRONOTÓPICO DA AVENTURA DE GARROTE NO CERRADO BRASILEIRO.

A literatura infanto-juvenil teve seu começo no final do século XVII, início do século XVIII, transformando as histórias lendárias, contadas de mãe para filho, em histórias escritas. Esse início foi marcado por autores como Perrault (entre 1628 e 1703), com histórias como “Cinderela”, “Mãe Gansa”, “O Gato de Botas” e outras. Em seguida, surgiram outros escritores como Andersen, Lewis Carrol e os Irmãos Grimm. Foi apenas no século XX, com Monteiro Lobato e seu "A menina do narizinho arrebitado", em 1920, que começou a história da literatura infanto-juvenil brasileira. Mais adiante surgem autores consagrados como Ana Maria Machado, Fernanda Lopes de Almeida, Lygia Bojunga, entre outros, que encantam milhares de crianças, jovens e, porque não, adultos (Cademartori, 1994).

Uma das características mais marcantes na literatura infanto-juvenil é a aventura. Zilberman (2001) cita uma pesquisa, realizada entre crianças e jovens de 7 a 17 anos, que assumem o gosto pela leitura, mas principalmente pelas histórias maravilhosas de fantasias imaginárias e de aventura, especialmente por haver identificação com o(s) personagem(ns) e suas experiências vividas no decorrer da narrativa.

A narrativa de aventuras não possui um *tempo biológico* desenvolvido pelo crescimento físico dos personagens, entretanto existem momentos da vida do herói que marcam a passagem desse tempo e o espaço é estabelecido pelo seu amadurecimento. O cronotopo neste tipo de romance de aventura está diretamente relacionado com a identidade do personagem principal (Bakhtin, 1988).

Como o objeto de estudo desse artigo é a relação da literatura infanto-juvenil de aventura com a influência do cronotopo na identidade do personagem principal, vamos nos focar na compreensão desta relação.

O objeto de estudo utilizado neste artigo, o livro *Garrote, menino coragem*, de Pedro Bandeira (2009), possuiu edições anteriores. O mesmo romance, com títulos diferentes e algumas modificações no texto. Para a análise deste artigo foi escolhido duas edições: *Garrote, menino coragem* (2009) e *Na Colmeia do Inferno* (1991). Os recortes utilizados foram trechos não modificados das duas edições (4ª e 2ª respectivamente).

No trecho a seguir, ressaltamos a interligação do tempo e do espaço, em que o primeiro é imperceptível, pois o sentimento de abandono do personagem é refletido pelo ambiente no qual ele se encontra.

(...) Desceu [do ônibus] e aceitou a ajuda do motorista para desembarcar a pequena bagagem.

O barulho do ônibus afastou-se até desaparecer, mas a nuvem de poeira vermelha continuou suspensa no ar.

Em torno, com a visão meio encoberta pela poeira, Caramujo via uma paisagem única, diferente de tudo o que conhecia. Pequenas árvores de troncos retorcidos e recurvados, de folhas grossas, espalhavam-se esparsas sobre uma vegetação rala e rasteira. Alvorços de pássaros coloridos sacudiam as copas. Tudo seco e escaldante, manchas de verde pintalgavam moitas e arbustos descorados, como se a natureza só fornecesse água para alguns privilegiados. Ao longe, divisava-se uma mata toda verde, mais extensa, de árvores não muito altas, cobertas pela mesma vegetação rala e seca, exibiam o gado que ali pastava livre, como inúmeros pontinhos escuros na desolação amarelada.

(...)

Um vento quente mantinha no ar a poeira que o ônibus levantara ao perder-se na distância, e um zumbido incessante parecia envolver o garoto.

Caramujo procurou descobrir de onde vinha aquele zumbido.

A poucos metros, viu uma caveira de boi, com seus chifres, meio enterrada no pó.

A caveira zumbia.

Uma colmeia havia se instalado dentro da caveira, fabricando o mel da morte.

O garoto sentiu-se subitamente preso em uma cela imensa, envolvido por um zumbido torturante, sufocado por uma poeira seca que parecia não baixar nunca.

E a poeira riu.

Bem, dizer que riu seria dizer pouco, porque a poeira gargalhou.

(...)

Aos poucos, a poeira começou a tomar forma, e a sombra escura de um cavalo com sua charrete destacou-se do pó, como se o mais fabuloso dos mágicos resolvesse apresentar seu espetáculo para aquela platéia, lotada de vazio, (...).

(...) E a mágica revelou um velho. O velho do cavalo, o velho da charrete, o velho da gargalhada (págs. 25 – 27).

A passagem de tempo neste trecho é imperceptível, pois não se sabe quanto tempo demorou entre a saída do ônibus e a chegada do velho na charrete. O que acaba não sendo tão importante, porque o sentimento do garoto naquele momento é de completa solidão e abandono. Como observamos em Bakhtin (1988), a identidade do indivíduo comunica-se com o ambiente em que ele se encontra, com a natureza à sua volta.

A manifestação do tempo neste tipo de literatura é subdividida em momentos importantes da vida do personagem, cerca de um, dois ou três desses momentos que implicam na *metamorfose* da identidade do herói (Bakhtin, 1988). Para ficar mais claro, mostraremos um trecho do livro de Pedro Bandeira, observando um das ocasiões que marcam a grande transformação na personalidade do herói. Nesse trecho, ele encontra-se na sala do diretor, onde ainda é tratado como Caramujo.

“O olho esmurrado estava roxo e já se fechara pelo inchaço quando Caramujo entrou na sala do diretor.

(...)

[O diretor] Passou o braço pelos ombros do Caramujo e o conduziu delicadamente até uma cadeira.

– Meu filho, sente-se. Precisamos conversar.

Meu filho?! Que história era aquela? Tudo o que aquele diretor costumava dizer a quem era enviado à Diretoria era “moleque incorrigível!”. Agora ele vinha com meu filho? Havia algo de estranho no ar...

(...) Pelo jeito Caramujo não havia sido mandado pelo bedel à Diretoria por causa da briga. A razão devia ser outra. Caramujo esperou.

– Para mim não vai ser fácil dizer o que eu tenho de dizer. Sabe, Eduardo, seus pais... eles...

O diretor calou-se, como se tivesse esquecido o assunto que tinha a tratar.

– Meus pais? Não estão em casa. Foram a Santos, assinar não sei o quê.

– Pois é... Foram a Santos. Eles foram juntos... De carro, não é? Sabe, Eduardo, é difícil...

(...)

– Eduardo, é terrível...

Por dentro do olho fechado, dolorido, uma imagem começou a formar-se e foi ficando nítida aos poucos.

– ... um acidente...

Asfalto. Ferros retorcidos. Estilhaços de vidro. Sangue...

– ... uma tragédia...

Caramujo quase pôde ouvir a freada longa como um guincho de porco ao ser sacrificado. O asfalto ia se tingindo de vermelho. Um rio vermelho. Uma cachoeira vermelha. Um mar vermelho cobrindo a estrada, descendo pela encosta, escorrendo pela mata atlântica e indo tingir de sangue as águas poluídas do Gonzaga.

Trombada. Tromba-trombada. Sarrafada. Sarra-sarrafada, sarra-trombada, tromba-sarrafada...

Morte.

Agora ele estava só”. (págs. 14 – 16)

Ainda que neste trecho sejam observados fatos marcantes da vida de Garrote, não há um *tempo biográfico*, pois estão representados apenas momentos *excepcionais*

da vida do herói, completamente *fora do comum*. Como observa Bakhtin, “são esses momentos que *determinam* tanto a *imagem definitiva do próprio homem*”, neste caso o personagem principal, “*como o caráter de toda sua vida subsequente*” (p. 238). O tempo e o espaço (o cronotopo) estão conectados com a relação dos fatos marcantes que acontecem na vida do personagem.

No trecho acima, inicia-se a primeira etapa do amadurecimento do personagem principal, sendo o momento de *crise*, citado por Bakhtin, não controlado por ele, “o curso dos acontecimentos, normal (...) ou submetidos à casualidade, interrompe-se e dá lugar à intrusão do *mero acaso*” (Bakhtin, p. 218). Se os pais não tivessem viajado, ou tivessem pego outra estrada e não houvesse nenhuma *concomitância ou não concomitância fortuita*, não haveria acidente, nem enredo para a história.

As aventuras seguintes vividas pelo herói não se tratam da confirmação de sua identidade, “mas à construção de uma nova imagem do herói purificado e regenerado” (p. 239 – 240). Ao final da história, para fechar o trecho da *metáfora do “caminho da vida”* (Bakhtin, 2009), ressaltamos o acontecimento que marca sua mudança, implicando na sua *redenção*.

“Galopou entre as árvores retorcidas, com o capim-flecha fustigando-lhe o rosto, fazendo com que a égua saltasse as moitas raquíticas.

(...)

Caído bem ao lado do cavalo, lá estava o...

– Velho Santinho!

(...)

Seu corpo não se movia. Só sua língua indomável não parava, agora que tinha plateia.

(...)

– Me fale do mar, Garrote. Me conte de que jeito é o mar...

O rapaz abraçou a cabeça do velho, molhando-lhe de lágrimas os cabelos brancos, e falou, com a boca colada na testa do amigo:

– É grande, Velho Santinho, é muito grande. É igual ao cerrado, só que não tem árvores, só que não é vermelho. A gente perde a vista ao longe, olhando o mar...

Enquanto o garoto falava, ansiosamente, procurando palavras que pudessem afastar o espectro que se aproximava, o Velho Santinho recomeçou a falar, com o olhar fixo na noite luminosa do cerrado:

– Vamos embora do Encantado, Garrote. Vamos para o mar. Vamos deixar para trás a loucura dessa vida...

(...)

– ... a rainha do Encantado! A abelha-rainha dessa colmeia do inferno! Não, Garrote, a abelha-rainha não

poderia gerar um herdeiro qualquer para o Encantado. Não, esse herdeiro não poderia ser filho de um zangão qualquer!

– ... o mar é bonito da praia, quando as ondas vêm mansas morrer aos nossos pés...

– ... não um zangão qualquer! Tinha de escolher o melhor zangão da colmeia, o maior cavaleiro do encantado!

Garrote soluçou ante a surpresa da revelação e, chorando de desespero continuou.

(...)

– Sim, o mar, Velho Santinho. Vamos conhecer o mar...”. (págs. 169 – 173)

É a revelação final que marca a *redenção* do personagem principal, é a conclusão desse momento em sua vida, que vai interferir em suas futuras ações. E, citando Bakhtin, pois “são esses momentos que determinam tanto a imagem definitiva do próprio homem, como o caráter de toda sua vida subsequente”. Vida pós-redenção.

O amadurecimento do personagem conecta-se ao do jovem leitor. E as próximas atitudes do herói transcendem “os limites do romance” (Bakhtin, p.238 - 2009). Limites quebrados pelo leitor, criança ou adolescente, que vêm na leitura de aventuras possibilidades de antecipar o amadurecimento para uma manipulação mais “flexível e lúcida do real e do imaginário”, contribuindo para a “construção e invenção de regras e materiais para sua própria história”, ou seja, na construção de sua própria identidade (Held, p.53 - 1980).

Retomando Bakhtin (2009) “é importante a expressão de indissolubilidade de espaço e tempo”, pois na literatura de aventura o tempo se comprime e o espaço intensifica-se, aprofunda-se no movimento do tempo, do enredo e da história. “O índice do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo” (2009, p. 211).

A identificação do jovem com o romance de aventura surge da conexão entre o leitor e o(s) personagem(ns) (Zilberman, 2001) e a possibilidade, que a aventura e a fantasia proporcionam à criança e ao adolescente, de reelaborar o real, concedendo, assim, a liberdade deles se projetarem na história (Yunes, 1989).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. (1998) **Formas de tempo e de cronotopo no romance**. In: _____ **Questões de literatura e estética**. 2ª ed. São Paulo – SP, Unesp/Hucitec, p. 211-362, 1988.

BANDEIRA, Pedro. **Na Colméia do Inferno**. 2ª Ed. São Paulo – SP, editora Moderna, coleção Veredas, 1991.

BANDEIRA, Pedro. **Garrote, menino coragem**. 4ª Ed. São Paulo – SP, editora Moderna, 2009.

CADEMATORI, Ligia. **O que é literatura infantil?** 6ª ed. São Paulo – SP, editora Brasiliense, 1994.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil – Teoria e Prática**. 7ª ed. São Paulo – SP, editora Ática, 1988.

FERNANDES, Dirce Lorimie. **Literatura Infantil**. São Paulo – SP, editora Loyola, 2003.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. São Paulo: Summus ed., 1980. 239 p. (Novas buscas em educação; v. 7)

YUNES, Eliana. PONDE, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. 2 ed. São Paulo: FTD, 1989.

ZILBERMAN, Regina. **“Em Busca da Criança Leitora”**, in M. S. Neves; Y. L. Lobo e A. C. V. Mignot. **Cecília Meireles: a Poética da Educação**. Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio/Loyola, 2001